

O Universo Holográfico

Seminário



Parte Dois

Tradução para o Português do Brasil
15/12/2014

Disponível no YouTube
www.youtube.com/watch?v=vU6yCD_sEvU

0:04

Mr. Stephen Davis diz:

Bem vindo de volta ao Universo holográfico.

Esta é a 2ª de 5 partes de uma série de apresentações desenhadas para examinar como a física quântica a recentes experiências científicas estão mudando radicalmente nosso entendimento da vida, da realidade e da nossa espiritualidade.

Vamos brevemente rever o que foi ensinado na Parte Um . . .

Primeiramente, matéria não é algo sólido. Ela é, na sua maioria (99,999....%), espaço vazio.

0:37

Dr. Stuart Hameroff diz:



Dr. Stuart Hameroff

“Fomos todos ensinados na escola que o Mundo é feito de coisas, de matéria, de massa, de átomos. Átomos constroem moléculas, moléculas constroem materiais, e tudo mais é feito disto. Mas átomos são na sua maior parte espaços vazios. Por exemplo; se esta bola for o núcleo de um átomo, um próton em um átomo de hidrogênio, por exemplo, então o elétron circulando este núcleo, que descreveria os limites externos daquele átomo, estaria na distancia daquela montanha lá longe, quase 32Km de distância, e tudo o mais entre eles é vazio. De fato, o Universo é na sua maior parte vazio.”

1:14

Mr. Stephen Davis diz:

Lembre-se do Dr. Willian Tiller dizendo:



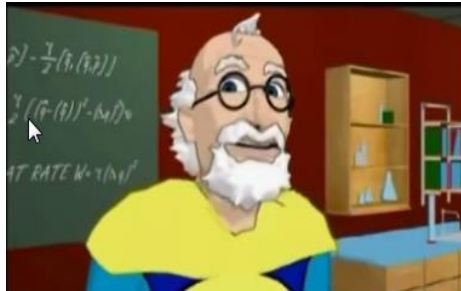
Dr. William Tiller

Dentro de todos os átomos e moléculas , todo o espaço dentro deles, as partículas tomam uma parte insignificante do volume de um átomo.”

Também aprendemos através da experiência do Duplo Rasgo que estas supostas 'partículas' que compõe a matéria não são partículas durante todo o tempo. Elas são 'ondas' até que sejam observadas e então elas aparecem, ou emergem, como partículas em um local específico. De fato, as 'partículas' são na verdade ondas na maior parte do tempo.

1:52

Capitão Quantum diz:

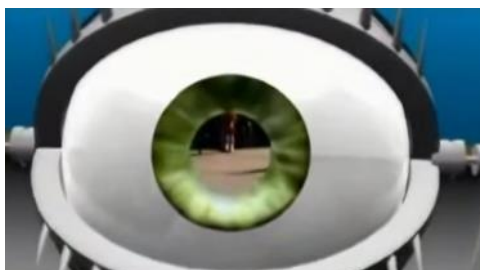


A conclusão é uma e única. Um único elétron sai como uma partícula, se transforma em uma onda de potenciais, atravessa ambos os rasgos, e interfere consigo mesma, para bater na parede como ondas.

Físicos focaram completamente estupefatos por este acontecimento. Então eles decidiram observar de perto e ver através de qual rasgo o elétron passa. Eles colocaram um observador perto dos rasgos para ver através de qual ele estava passando, e o deixaram voar.

Mas o mundo Quanta é de longe muito mais misterioso que eles poderiam ter imaginado. Quando eles o observaram, o elétron voltou a se comportar como uma bolinha. Ele produziu um padrão de duas bandas, e não um padrão de múltiplas interferências. O ato de medir, ou observar, através de qual rasgo o elétron atravessou, fez com que o elétron atravessasse através de um único rasgo, e não ambos. O elétron decidiu atuar de forma diferente, como se estivesse consciente de que estava sendo observado.

Foi aqui que os físicos deram um passo para sempre no estranho submundo dos eventos quânticos. O que é a matéria? Bolinhas? Ou ondas? E ondas de quê? E o que tem o observador a ver com tudo isto? O observador alterou a função de onda simplesmente por está-la observando.



03:35

Mr. Stephen Davis diz:

Nós aprendemos que existe um Campo que contém as ondas de possibilidades com um infinito número de frequências de ondas para criar o universo físico que nós vemos. Isto é onde todas

as 'partículas' vivem como ondas até que sejam observadas e apareçam em um determinado local.

03:57

Dr. John Hagelin diz:



E o que descobrimos no centro da base do Universo, ou da fundação do Universo, é um Campo Universal de Inteligência Singular – um campo que une gravidade com eletromagnetismo (luz), com radioatividade (com forças nucleares). Então é que todas as forças da Natureza e todas as chamadas partículas da natureza – quarks, leptons, prótons, nêutrons – são agora entendidas como diferentes ondas de um único oceano da existência.

Isto é chamado de Campo Unificado, ou Campo da Supercorda – um único campo universal de inteligência, um oceano de existência na base de tudo, mente e matéria. E tudo o que chamamos de partículas do Universo, as forças no nosso Universo, tudo o que o Universo é são somente ondas no oceano da existência.

*Isto é o campo unificado, e este Campo é um campo não material. Planeta, árvores, pessoas, animais, ou seja, nós somos nada além de ondas de vibração deste **campo unificado das supercordas subliminares**.*

04:50

Dr. Fred Alan Wolf diz:



Físicos dão a isto um nome; Eles a chamam de “função de onda quântica”, porque ela parece uma ondulação. Ainda assim, esta função de onda não é somente uma onda de matéria, como uma onda de oceano ou onda de som ou qualquer outro tipo de matéria, é uma onda de possibilidades. É um tipo de onda de pensamentos. E por ser uma onda de pensamentos, ou possibilidades, ou imaterial, ela é invisível a nós.

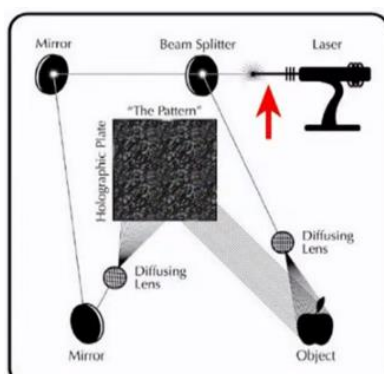
Mas não podemos explicar o que **nós vemos** como matéria nestes pequenos cantos do espaço-tempo, salvo nós consideremos que estas partículas de matéria de alguma forma saem ou emergem desta onda-pensada de padrões que são invisíveis a nós.

05:36

Mr. Stephen Davis diz:

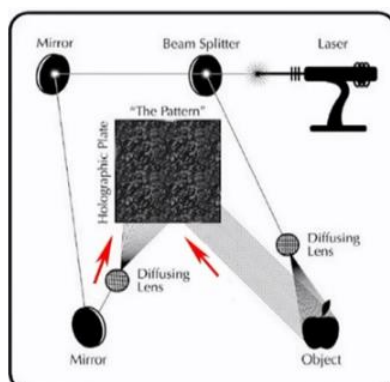
Nós também aprendemos na Parte Um como um holograma é feito através de um processo de dois passos.

Primeiro atiramos com um feixe de luz laser a partir de uma pistola laser. E imediatamente dividimos este laser em dois feixes. Um deles, chamado de feixe de referência, faz seu caminho e se choca contra uma película sensível ou filme holográfico. É como um filme usado nas nossas câmeras antes da fotografia digital.

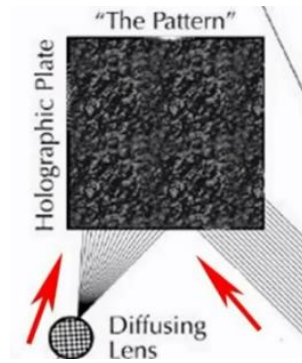


Passo 1 da Criação do Holograma

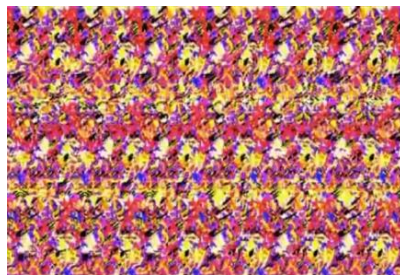
O outro feixe de luz bate primeiro em um objeto, neste caso uma maçã, e então chega à película sensível, ou filme. Quando os dois feixes do feixe original se reencontram no filme holográfico, eles interferem um no outro, como aconteceu na experiência do Duplo Rasgo, e eles formam um padrão de interferências no filme sensível, ou filme holográfico.



Se você olhar no filme holográfico neste momento, você não verá a maçã ainda. Tudo o que poderá ver é o padrão de interferência, que se parece com um monte de ondas. Este é o passo 1 da criação de um holograma.

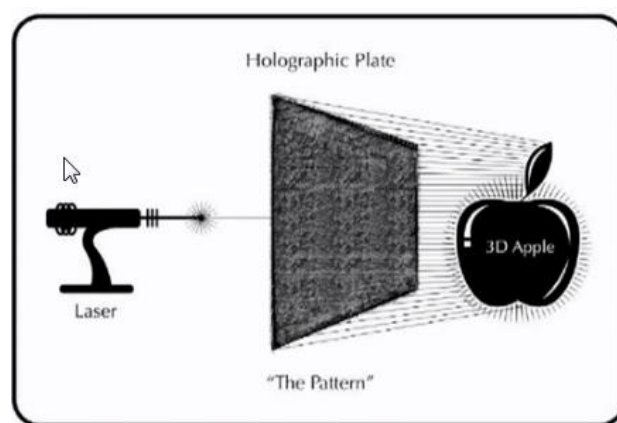


Lembra-se daquelas imagens 3D que foram moda nos anos 90, que se assemelhavam a um monte de ondas sem sentido, mas se você ajustasse sua visão uma imagem iria pular par fora, e então você poderia ver o objeto?



Imagens 3D (Moda na década de 90)

Então, para o nosso holograma, nós precisamos de um passo 2 para ver a imagem da maçã. Neste passo 2 nós focaremos outro feixe de luz no filme holográfico onde nossa maçã está em formas de ondas, e se obtivermos o ângulo correto, a maçã 'pula para fora', aparentado muito real e muito sólida.



O que não falamos na Parte Um é que uma única unidade de um filme holográfico (ou placa, ou disco) pode armazenar um grande número de objetos. De fato, um holograma é um dispositivo tão eficiente de armazenamento que será o próximo passo para os HDs de computadores. Muito em breve você verá o que tem sido chamado de 'disco versátil holográfico', ou HVD (Holographic Versatile Disk), que pode armazenar 30 vezes mais que a quantidade de dados de um DVD atual.

Então para fazer um determinado objeto saltar para fora como um holograma – como uma maçã, no passo 2 o feixe de luz deve escolher quais frequências de onda precisamente são necessárias para a maçã, sendo então atirado em um específico ângulo contra o filme holográfico.

Na parte I aprendemos que o universo físico que vemos não é matéria física, mas algo mais como um holograma:

08:25

Video de Holograma



mas surpreendentes novas descobertas estão sugerindo que tudo, você, eu e até mesmo o espaço – podem ser u tipo de holograma. Isto é, tudo o que vemos experimentamos – tudo o que chamamos como nossa realidade tridimensional e familiar, devem ser a projeção de informação que está armazenada em um muito fina e distante superfície bidimensional, um tipo de forma como a informação deste holograma está armazenada nesta fina camada (de plástico).

09:07

Dr. Leonard Susskind diz:



Dr. Leonard Susskind

Seria então o mundo tridimensional uma ilusão no mesmo sentido que um holograma é uma ilusão? Talvez, eu acho, eu estou inclinado a pensar que sim, que o mundo tridimensional é um tipo de ilusão, e que a mais precisa realidade é a realidade bidimensional na superfície do universo.

Dr. Micael Ledwith diz:



Quando olhamos para algumas visões científicas modernas da realidade como tentamos vê-la dentro, dentro, dentro até o âmago da questão, vemos que no seu último nível, dito na Teoria M ou Teoria das Cordas, que a realidade não é sólida – é na sua maioria espaço vazio – e independente de qualquer solidez que tenha, aparente mais se assemelhar a uma foto tipo holograma que um material, áspero, duro, real.

09:53

Mr. Stephen Davis diz:

De forma curta; A física quântica nos diz que o Universo Físico que percebemos como “realidade” é criado ao se transformar uma função de ondas de infinitas, ou ilimitadas possibilidades, no Campo em um holograma. MAS a realidade holográfica que nós vemos nos parecem muito reais, ainda que não sejam verdadeiramente reais . . .

10:16

Comte. Riker: *Eu seria um tolo se não reconhecesse quão sortudo eu sou, de estar nesta nave, com estas pessoas, é como um sonho que se torna realidade . . . exatamente como isto.*

Minuet: *Um Sonho? É isto que isto é? É isto que eu sou?*

Comte. Riker: *Eu sei que você é uma imagem gerada por computador, mas seu cheiro, seu toque, como eu te sinto, até as coisas que você diz parecem tão reais.*

Minuet: *Obrigado.*

Comte. Riker: *Quão longe esta relação pode ir ? Eu quis dizer, quão real é você ?*

Minuet: *Tão real quanto você necessite que eu seja.*

11:17

Mr. Stephen Davis diz:

Criar a ilusão de que coisas estão posicionadas onde elas não estão e a característica quintessência de um holograma . . . Isto porque um holograma é uma imagem virtual, uma imagem que aparente estar onde ela não está.

“É relativamente fácil entender esta ideia holística em algo que está fora de nós, como uma maçã em um holograma. O que faz isto difícil, é que não estamos só olhando par ao holograma, nós somos parte do holograma”.

Assim o diz o Sr. Michael Talbot no seu livro, O Universo Holográfico (The Holographic Universe).

A conclusão da Parte Um é que físicos quânticos são muito transparentes . . O que chamamos de “realidade” é tão somente uma projeção holográfica que é apenas percebida e sentida como real para aqueles que estão dentro dela.

Nas palavras de Albert Einstein; “Realidade é meramente uma ilusão, ainda que muito persistente.”

12:26

Dr. Jeffrey Satinover diz;



*“A resposta fácil para a questão se a realidade é em si uma ilusão e se é realmente toda imprecisa, ou se são apenas probabilidades, é **sim**. Ou seja, se eu estiver apressado para um compromisso e alguém vem na minha direção e me aborda na rua e me faz esta pergunta, eu diria apenas **sim**. **Sim**, basicamente isto está correto. Mas é muito mais complicado que isto, porque só é impreciso quando você não está interagido com isto.*

13:00

Dr. Andrew Newberg diz:



Se estamos ou não apenas vivendo em um Holodeck (sala de projeção virtual) ou não, é uma questão para a qual não necessariamente temos uma boa resposta. Eu pessoalmente penso que isto seja um grande problema filosófico com o qual temos que concordar em termos de como a ciência pode descrever nosso mundo, porque somos sempre os observadores na ciência. Portanto ainda e sempre estamos restritos ao que em último caso será interpretado pelo cérebro humano, que é o instrumento que nos permite ver e perceber coisas como o fazemos. Torna-se então concebível que toda esta realidade seja apenas uma grande ilusão da qual não temos como nos mover para fora para ver o que está realmente lá fora.

13:29

Mr. Stephen Davis diz:

Mas esta 'ideia' de que 'a realidade' é uma ilusão não é um conceito novo. Hinduísmo, Budismo, Sikhismo, todos falam a respeito do Maya, ou vida como uma grande ilusão.

Mipahn Rinpoche disse que "O verdadeiro céu é conhecido como Samsara (o mundo físico), ou meramente o cenário de uma ilusão".

A Kabala diz que "o primeiro aspecto de Deus é de tudo aquilo que realmente existe; tudo mais é uma ilusão".

Em "Um Curso em Milagres" (acim.org) é colocado desta forma:

"Em qualquer estado fora do Paraíso, a vida é uma ilusão.

Fora do paraíso, somente o conflito da ilusão se mantém, sem sentido, impossível e além de toda a razão.

Ilusões são senão formas, seu conteúdo nunca é verdade."

O que a física quântica tem feito é,

1. Primeiramente, confirmado cientificamente o que muitas outras pessoas disseram a respeito da "realidade' como sendo uma ilusão;
2. e em seguida, descoberto o que a "realidade" é verdadeiramente uma projeção holográfica que somente é vista e sentida como real para aqueles dentro dela.

Você poderia chamar esta realidade física na qual vivemos como uma "Imersão Total em um filme 3D".

15:05

Aqui está a versão de Woody Allen de um 'filme de total imersão", e deixe-me descrever isto para você:



O homem que você verá vestindo com chapéu de caçador é um ator em um filme, mas ele saiu do filme e escapou para o mundo real e encontrou uma mulher e se apaixonou por ela. Agora ele quer leva-la de volta ao filme com ele . . .

15:24

Filme de Woody Allen

Tom: Olhe, eu não quero mais falar a respeito do que é real ou do que é uma ilusão. A vida é muito curta para gastar tempo pensando a respeito da vida. Vamos apenas vivê-la.

Cecília: Vivê-la como ?

Tom: Bem, vamos começar com um jantar.

Cecília: Ooo, escute, não, nós não podemos. Eu tenho apenas alguns dólares.

Tom: Bem, não vamos precisar de nenhum dinheiro.

Cecília: Mas é tudo o que temos . . . salvo você tenha feito algo.

Tom: Bem, não diga mais nada. A lua se fará cheia, as estrelas estarão aparentes e vamos indo . . .

Cecília: Mas estamos quebrados...

Tom: Deixe isto comigo...

- Casal entra no cinema

Homem diz: É ele, o Tom, você voltou.

Tom: Eu quero lhes apresentar minha namorada, Cecília . . . bem, você já conhece a todas estas pessoas.

Mulher diz: Não é possível.

Tom: Sim, eu estou no mundo das possibilidades.

Homem diz: Sei, é melhor você voltar para a estória, sua pequena doninha.

Tom: Ok, você se antecipou a mim me siga, e confie em mim.

Cecília: Onde estou ?

Homem diz: Mas ela não pode estar aqui.

Tom: Porque não? Venha Cecília, meu dinheiro é bom aqui.

Cecília: Eu me sinto como se estivesse flutuando no ar.

Homem diz: Mas ela perturba o equilíbrio.

Homem diz: Eu lhe disse que ele voltaria

Mulher diz: Podemos seguir com nosso enredo agora.

Homem diz: Como podemos com ela aqui?

Tom: Ela está aqui comigo, e eu vou colocar qualquer um que a faça sentir indesejada atrás das grades.

Mulher diz: Bom, é questão de tempo para ela voltar para casa.

Mulher diz: Bom, podemos finalmente voltar para o restaurante (Copa Cabana), nenhum de nós come há muito tempo.

Tom: Muito bom, eu vou levando uma convidada (Cecília).

- Mudança de cenário para o restaurante.

-

Tom: Mesa 7, por favor, Arturo.

Garçom: Sim senhor, para sete?

Tom: Sete.

Garçom: Mas isto não é possível, são sempre seis.

Mulher diz: Temos um extra.

Tom: Sete, Arturo.

Garçom: E esta pessoa ?

Cantora: . . . cantando . . .

Homem diz: Você gostaria de mais um pouco de Champanhe?

Cecília: Sim, obrigado.

Cecília: Tom, eu não sei quanto eles estão de cobrando, mas estas garrafas de Champanhe estão cheias de refrigerante.

Mulher diz: Assim são nos filmes querida.

Cecília: Eu não ligo, estou amando cada minuto disto.

- Cantora se aproxima de Tom e Cecília

Cantora: Obrigado, obrigado. Quem é você?

Cecília: Eu vim com o Tom. Você canta lindamente...

Cantora: Que diabo é isto? Nós deveríamos nos encontrar e casar . . . quem é a tal ?

Tom: Minha namorada.

Homem diz: Ela a encontrou em Nova Jersey

Cantora: O que é isto?

Homem diz: Querida, ela é real!

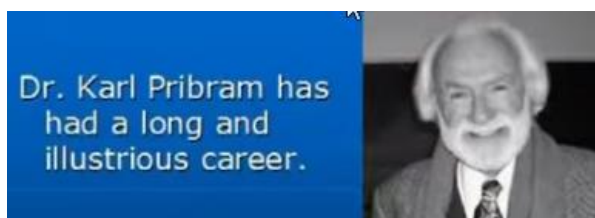
19:23

Mr. Stephen Davir diz:

O que nos trás à questão . . .

Exatamente como este filme 3D de total imersão é criado para nós experimentarmos a 'realidade' física?

Foi somente nos últimos anos foi que descobrimos a resposta para esta questão através de algumas pesquisas impressionantes sobre o cérebro.



Dr. Karl Pribram teve uma longa e ilustre carreira. Nascido na Áustria em 1919, Pribram é neurocirurgião e neurofisiologista e dedicou muitos anos tentando entender como as memórias são armazenadas no cérebro humano.

O problema foi que nos anos de 1920 um cientista do cérebro chamado Karl Lashley tinha encontrado que: *“não importa que porção do cérebro de um rato fosse removida, ele era incapaz de eliminar sua memória de como executar tarefas complexas que havia aprendido antes da cirurgia”*.

Dr. Pribram se dedicou a resolver o mistério do armazenamento de memória que parecia independente das células do cérebro (chamada de neurônios). Mas não foi até que o Dr. Pribram encontrou David Bohm, um dos pioneiros na física quântica, que ele encontrou sua resposta.



David Bohm

Aqui está como Michael Talbot descreveu no seu livro, O Universo Holográfico:

“Bohm ajudou a estabelecer a fundação para a teoria do Dr. Pribram, que diz que o cérebro opera de maneira similar a um holograma, em acordo com os princípios da matemática quântica e as características dos padrões de ondas.”

Tecnicamente, Talbot continua, *“Dr. Pribram acredita que as memórias não estão decodificadas nos neurônios ou pequenos agrupamentos de neurônios, mas em padrões de impulsos de nervos que entrecruzam todo o cérebro da mesma forma que os padrões de feixes de luz, ou lasers, entrecruzam toda a área de um pedaço de um filma contendo uma imagem holográfica. Em outras palavras, Dr. Pribram acredita que o cérebro em si é um holograma.*

Assim como um holograma funciona como um tipo de lente, ou um mecanismo de tradução capaz de converter o que aparentemente é um borrão de frequências em uma imagem coerente, Dr. Pribram acredita que nosso cérebro também consiste de uma lente e usa de princípios holográficos para matematicamente converter as frequências que recebe através dos 5 sentidos humanos (olfato, tato, visão, paladar, audição) para dentro do mundo interior das nossas percepções.

Em poucas palavras, Dr. Pribram acredita que *“nosso cérebro constrói matematicamente a realidade ‘sólida’ acreditando nas informações recebidas de um domínio (ou emissor) de frequências.*

Está é uma frase muito importante que você ouvirá muitas vezes:

“... nosso cérebro constrói matematicamente a realidade ‘sólida’ acreditando nas informações recebidas de um domínio (ou emissor) de frequências.”

Vamos traduzir tudo isto em palavras simples: De acordo com Dr. Karl Pribram e os resultados de muitas experiências científicas, algumas das quais nós vamos abordar em um minuto, o cérebro humano é em si um holograma. Sua função é a de receber frequências de ondas holográficas de um domínio (ou emissor) de frequências (que aqui estamos chamando de “o Campo”) e traduzi-los em um particular universo físico que nós vemos “lá fora” (“particular” significando feito de partículas neste caso).

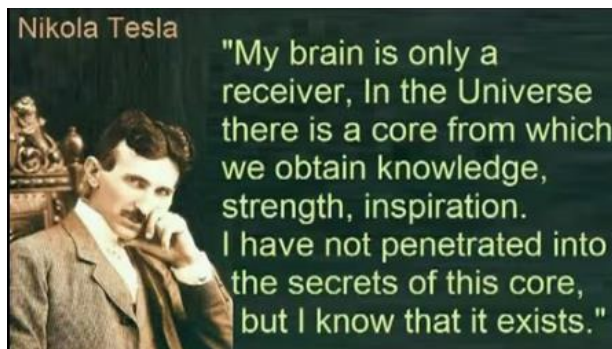
Uma vez mais, do Dr. Pribram:

“... nosso cérebro constrói matematicamente a realidade ‘sólida’ acreditando nas informações recebidas de um domínio (ou emissor) de frequências.”

Ou

Nosso cérebro constrói nossa realidade física (e holográfica) após receber, e se embasar em, frequências de onda vindas Do Campo.

Você já deve ter ouvido falar de outro famoso físico chamado Nikola Tesla. Ele também disse: *“Meu cérebro é somente um receptor. No Universo existe um centro de onde obtemos o conhecimento, a força, a inspiração. Eu não penetrei nos segredos deste centro, mas eu sei que ele existe”.*



Nikola Tesla

Pense como em um radio ou uma TV, que convertem frequências que nós não podemos ver em sons que podemos ouvir e imagens que podemos ver. Muitas experiências científicas tem provado que, da mesma forma, o cérebro humano recebe frequências de onda baixadas para ele do Campo, e então converte estas frequências de onda na nossa realidade física holográfica.

Nós vamos olhar algumas destas experiências científicas e ver e ouvir alguns dos experts envolvidos.

24:45

Dr. Joe Dispenza diz:



Joe Dispenza

“Experiências científicas tem mostrado que se pegarmos pessoas e colocarmos seus cérebros em acompanhamento dinâmico em equipamentos avançados de tomografia computadorizada lidos por tecnologias de computadores, e pedir-lhes que olhem para certos objetos, observarmos que certas áreas do cérebro se acendem (atuam com mais intensidade). Foi-lhes então pedido para fechar os olhos, e imaginar o mesmo objeto, e quando estas pessoas

imaginaram estes mesmo objetos, eles produziram atividades nas mesmas áreas do cérebro como se estivessem olhando para aquele objeto no momento da imaginação.

Isto deixou os cientistas pensativos e lhes fez perguntar uma questão: Quem vê então? O cérebro vê? Ou os olhos veem? E o que é realidade? É a realidade o que estamos vendo com nosso cérebro, ou é a realidade o que vemos com nossos olhos?

25:34

Mr Stephen Davis diz:

Próximo, Dr. Stuart Hameroff da Universidade do Arizona vai descrever uma experiência muito famosa feita pelo Dr. Benjamin Libet no final dos anos 70.

25:44

Dr. Stuart Hameroff diz:



“No final da década de 70, um neurofisiologista da Universidade de San Francisco, Califórnia, chamado Ben Libet fez algumas experiências muito famosas. O que o Dr. Libet fez foi estudar pacientes que estavam em cirurgias neuronais em seus cérebros, com estes (o cérebro) expostos, enquanto acordados. Foi lhes dado anestesia local para deixar dormente a área do crânio e couro cabeludo e permitir acesso aos seus cérebros, ou seja, Dr. Bem Libet poderia conversar com estes pacientes.

O que ele fez então foi estimular os dedos dos pacientes e observar qual parte do córtex sensorial no lado oposto era relacionada àquele estímulo, e perguntar ao paciente quando ele ou ela sentiram o estímulo no dedo. Momentos após ele iria também estimular aquela área particular do córtex sensorial diretamente.

26:35

Mr Stephen Davis diz:

Vamos ter certeza que você entendeu o processo da experiência... um paciente, em uma mesa de operação, completamente acordado, mas com o crânio e couro cabeludo anestesiados e cortados (abertos), e portanto com seu cérebro exposto. Dr. Libet estimularia os dedos ou a mão – talvez com uma agulha – e o paciente supostamente reportaria ao Dr. Libet assim que eles sentissem o estímulo. E então o Dr. estimularia diretamente a parte do cérebro associada com o mesmo dedo ou mão e pediria ao paciente que reportasse quando o sentissem.

27:14

Dr. Stuart Hameroff diz:

Agora o que você pensaria é que se você estimulasse os dedos, levaria um determinado período de tempo para chegar ao outro lado do córtex, e então o paciente reportaria o estímulo uma fração de segundos após o estímulo. E quando fosse estimulado diretamente no cérebro, o paciente reportaria imediatamente.

Mas ele observou exatamente o contrário. Quando estimulado no dedo, o paciente sentiu imediatamente, e quando estimulado diretamente no córtex sensorial, ocorreu um atraso.

27:34

Mr Stephen Davis diz:

O cérebro é onde, teoricamente, nós “sentimos” as coisas. Então quando você estimula um dedo com uma agulha, tal sensação deveria viajar até o cérebro antes de ser ‘sentida’. Mas se você estimula o cérebro diretamente, você deveria sentir o estímulo imediatamente do, ou no, dedo, porque a sensação já está lá no cérebro, no córtex sensorial. Mas, contrário a todas expectativas e lógica, os pacientes sentiram a agulha nos seus dedos imediatamente, e levou algum tempo para que sentissem o estímulo quando feito diretamente no cérebro.



Dr. Benjamin Libet

Dr. Libet ficou boquiaberto. Ele tentou encontrar explicações, como tantos outros cientistas, e a teoria prevalecente foi que “o tempo pode viajar para trás”. Esta é hoje conhecida como a “teoria do tempo reverso”, ou “encaminhamento subjetivo para trás”, ou ainda “anti-data”. Porém, após tentar provar isto e falhar, Dr. Libet mesmo disse *“aparentemente não há um mecanismo neural que possa ser visto como mediador direto ou responsável pelo encaminhamento sensorial subjetivo para trás no tempo”*. Em outras palavras, não há evidência no cérebro para o “tempo reverso” como explicação para este fenômeno.



Apenas coloque de lado esta informação neste momento, e vamos seguir em frente com a experiência:

29:08

Dr. Dean Radin diz:



“Então a experiência que eu desenvolvi para observar isto é . . . nós colocamos fios no paciente, tipicamente como para procurar por condutores na pele, mas também para pulsos cardíacos e outros parâmetros. O paciente então sentará na frente do monitor de um computador, e apertará uns botões. E o paciente sabe que cinco segundos após apertar o botão ele verá uma foto, que pode ser uma foto muito calma, ou pode ser muito emocional, e ainda que estas fotos serão selecionadas de forma randômica e aleatória pelo computador antes de serem mostradas ao paciente. Então, quando o paciente pressiona o botão, o futuro ainda não foi determinado. O paciente necessitaria uma real pré-cognição para poder ir ao futuro e saber de alguma maneira qual a foto apareceria, e antecipar a sensação que a foto lhe causaria.

Desde de que estamos olhando para nossa fisiologia, sabemos o que acontece para a fisiologia após o paciente ver uma imagem emocional, e sabemos o que acontece quando se vê uma imagem calma. A questão então é: A experiência do futuro pode vazar para o nosso presente? Isto acontece antes da foto ser vista? E através desta experiência você pode observar o que acontece, como:

- *Atividade elétrica do coração.*
- *Isto é fotosensismografia, que é a quantidade de sangue na ponta do dedo.*
- *Respiração, inspiração e exalação.*

Pressione o botão e o que acontece com a fisiologia? Bem, se os sinais começarem a aumentar antes da imagem aparecer, isto deve sugerir que o paciente está por ver uma imagem emocional. Se os sinais permanecerem calmos, isto sugere que o paciente vai ver uma imagem calma.

Nós fizemos esta experiência com muitas centenas de pessoas, e colegas fizeram esta experiência também, e o que mostraremos é exatamente o que acontece: pessoas se tornam mais alertas antes que imagens selecionadas de forma randômica sejam emocionais, e permanecem calmas antes que as imagens a serem apresentadas sejam calmas. Isto foi observado através das batidas do coração, condutores elétricos na pele, e diretamente no cérebro, e basicamente de forma sistemática através dos impulsos ao longo do corpo.

30:53

Mr Stephen Davis diz:

A única conclusão a qual esta experiência faz sentido é de que o cérebro sabe qual imagem o computador irá escolher e mostrar antes da pessoa (através de seus olhos) tomar conhecimento disto, ou ainda, **antes mesmo de o computador te escolhido a imagem que seria mostrada – e o corpo está respondendo de acordo!** Basicamente, o que a ciência está descobrindo é que nosso cérebro aparenta saber o que vai acontecer antes que nós o saibamos através de um dos cinco sentidos.

31:29

Dr. Andrew Newberg diz:

*“Tem ocorrido alguns estudos que tem nos mostrado que quando as pessoas estão começando a mover a mão, ou começando a dizer algo, que já há atividade no cérebro - em algumas células nervosas do cérebro – **antes mesmo** que elas estejam conscientemente informadas do que elas irão fazer.*

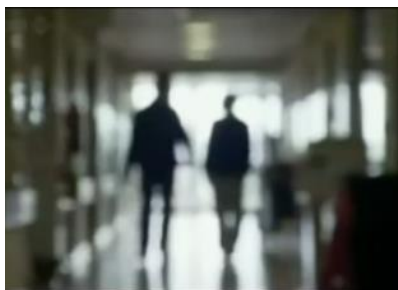
32:07

Mr. Stephen Davis diz:

Tão estranho quanto isto soa, isto tem sido provado por muitas e muitas vezes, e uma vez mais através das mais recentes pesquisas e tecnologias. Aqui está um documentário de BBC, de Junho de 2010, que confirma este fenômeno.

32:23

Video BBC



Repórter: *Aqui estou eu em Berlim para participar de uma experiência desenhada para explorar a fonte e o tempo das minhas decisões. Eu estou bastante apreensivo, porque os resultados podem ter um profundo efeito na forma como vivo minha vida. Eles vão revelar quem está no comando das minhas decisões. Se é o “eu consciente” ou se é uma massa inconsciente de matéria cinza sobre a qual eu não tenho controle.*

Repórter: *Então isto estará observando o meu cérebro? Outro dia, outro scanner. A experiência é a simplicidade em si. Eu tenho que decidir de forma randômica, e então imediatamente pressionar um destes botões, esquerdo ou direito. Ao mesmo tempo, o sistema de scanner vai gravar quando meu cérebro tomou a decisão, e o computador quando eu fisicamente apertei o botão.*

Prof John Haynes: *Ok, Marcus, estamos prontos para começar.*

Repórter: O teste não levou muito tempo, e para ser honesto não foi terrivelmente excitante. Mas eu espero que os resultados sejam um pouco mais interessantes.

Prof John Haynes: No seu caso, até seis segundos antes você tomar sua decisão, nós pudemos prever qual decisão você tomaria.

Repórter: Seis segundos?

Prof John Haynes: Absolutamente, seis segundos, sim.

Repórter: Seis segundos? Então eu estava consciente de decisão de apertar meu dedo direito, e você está dizendo que seis segundos antes meu cérebro já tinha tomado esta decisão?

Prof John Haynes: Exatamente, então aqui posso lhe mostrar como nós fizemos isto. Nesta região existe um padrão de atividades do cérebro que emergem antes de você tomar uma decisão que nos diz qual será sua decisão. Estas regiões azuis ficam mais ativas quando você está por decidir para esquerda, e as regiões amarelas ficam mais ativas quando você está por decidir direita.

Repórter: Isto é um pouco assustador. De certa forma isto implica que minha decisão consciente é algo secundário na minha atividade cerebral.

Prof John Haynes: Absolutamente, absolutamente. Aparentemente existem muitas atividades cerebrais inconscientes em andamento que estão conformando nossas decisões, e que nossa consciência surge em um estágio muito tardio. Aparentemente nossas experiências revelam é que há algo como um mecanismo se desdobrando, um mecanismo determinístico, que deixa a sua decisão consciente para um último momento no tempo, e que é inevitável, e que esta decisão pode ir em apenas uma direção.

Repórter: Bom, eu entendo que este foi a mais chocante experiência que eu vi nesta jornada. O fato de que quando eu tomo consciência de estar tomando uma decisão, e de que Jhon pode, seis segundos antes, predizer o que eu vou fazer antes que eu tenha tomado consciência do que eu mesmo vou decidir, é absolutamente extraordinário. Seis segundos é muito tempo. Eu quero dizer, eu não acho tão intrigante que parte da minha mente subconsciente está construindo algo para uma decisão que se tornará consciente. Mas que Jhon e sua consciência, por estar olhando dentro da minha cabeça, possam saber antes que eu conscientemente saiba o que eu vou fazer. Isto é chocante!

36:53

Mr. Stephen Davis diz:

Prof. John Haynes explicou que: O que as suas experiências revelam é que: “aparentemente nossas experiências revelam é que há algo como um mecanismo se desdobrando, um mecanismo determinístico, que deixa a sua decisão consciente para um último momento no tempo.”

Lembre-se do que o Dr. Kral Pribram disse: “. . .nosso cérebro constrói matematicamente a realidade ‘sólida’ acreditando nas informações recebidas de um domínio (ou emissor) de frequências.”

Se colocarmos estas experiências sobre o cérebro junto com o Dr. Pribram, e o que já sabemos sobre a física quântica, a conclusão é uma única possível:

- Nosso cérebro primeiro recebe um holograma em frequências de ondas extraídas do Campo. Ele (o cérebro) então as traduz em partículas para criar a realidade física holográfica, e então posiciona ou envia a 'realidade' para o lado de fora, para que nós a percebamos e experimentemos.

Você se lembra como um holograma é feito? No final do 1º passo nós temos um objeto armazenado no filme holográfico em frequências de ondas. Para obter o objeto como "saindo" (ou tridimensional) no holograma é necessário o passo 2.

Portanto. É disto que estamos falando a respeito aqui em termos de cérebro humano e nosso universo holográfico.

Se considerarmos que o Campo é como uma gigante (na verdade infinita) peça de um holograma com todas as possibilidades já contidas neste . . . em outras palavras, o 1º passo da criação do holograma já foi feito . . . e então o que o Dr. Pribram está falando a respeito é um novo 2º passo para fazer 'emergir' o holograma de onde as frequências de onda serão extraídas do Campo, para o cérebro humano, traduzidas em partículas, e então projetadas 'lá fora' para aparecerem como nossa realidade física holográfica.

Ou ainda , como o Dr. Pribram disse: *"nosso cérebro constrói matematicamente a realidade 'sólida' acreditando nas informações recebidas de um domínio (ou emissor) de frequências."*

Vamos falar a respeito de cada uma das experiências sobre o cérebro que nós vimos até então:

1. No final dos anos 70 um neurofisiologista da Universidade de São Francisco, Califórnia, chamado Bem Libet fez algumas experiências muito famosas.
Na experiência do Dr. Libet, quando estimulados nos dedos, não levou nenhum tempo, ou imediatamente, para que a sensação fosse sentida no cérebro porque o cérebro já sabia que o dedo seria estimulado desde que o holograma já havia sido baixado, ou traduzido em holograma e projetado 'lá fora'. Mas quando o cérebro foi estimulado diretamente, foi como um novo holograma sendo baixado para o cérebro, então levou tempo para que a sensação fosse enviada ao dedo e então retornasse ao cérebro novamente.
2. Nas experiências de Dean Radin, o cérebro sabia qual imagem (emocional ou calma) o computador iria escolher e mostrar porque é tudo parte de um holograma que já foi baixado, traduzido em holograma e projetado fora. E conforme o cérebro projeta o holograma para fora para ser percebido e experimentado, o corpo respondeu ao holograma no seu caminho para fora – enquanto estava sendo projetado - pois o corpo já sabia que imagem o computador escolheria antes mesmo de deste escolher a imagem e mostrá-la.
"Nesta região há um padrão de atividade cerebral que emerge..."

3. O documentário da BBC é como a prova definitiva. Aparentemente eles encontraram uma das áreas do cérebro que está impactando a função de onda, convertendo as frequências de baixadas do Campo em hologramas para ser projetada 'lá fora'. Então, olhando esta área do cérebro, **é possível** saber com 6 segundos de antecedência como será o holograma, ou qual será sua decisão, neste caso pressionar o botão direito ou esquerdo.

A única conclusão que faz sentido quando colocamos todas estas experiências juntas é de que frequências de onda estão sendo baixadas para o cérebro do Campo, que são então traduzidas em um particular (de partículas) holograma projetado lá fora para ser percebido e experimentado como 'realidade'.

. . . e somente quando percebemos e começamos a interagir com este específico holograma nos tornamos conscientemente informados do que está acontecendo.

E todo o processo pode levar até 6 segundos (pode depender de cada pessoa estudada, mas em média são 6 segundos).

Vamos brevemente rever o que falamos na Parte Um deste seminário a respeito do observador impactando as funções de onda.

Dissemos que quando o quanta (elétrons) são vistos por um observador, estas ondas de possibilidades, emergem e assumem uma determinada localização no espaço-tempo, que é o que vemos como realidade. Isto é chamado de "impactar a função de onda".

Para colocar isto de outra forma, o estado natural de um elétron é como onda. Ele apenas emerge do seu estado de onda para formar uma partícula em determinado local no espaço-tempo quando está sendo observado.

Estas novas pesquisas sobre o cérebro provam que o cérebro humano é o observador que impacta a função de onda, desde que é a física quântica que diz que é o observador que muda o elétron de onda para partícula. Para colocar de forma ainda mais simples, é o cérebro que capta estas imagens onduladas 3D e as traduz em algo que podemos ver e entender.

43:29



“Somente seres conscientes podem ser observadores, então estamos atrapados na existência da realidade. Sem nós só existiria uma expansível superposição de possibilidades, com nada definindo o que está atualmente acontecendo.

43:47



Milhões e milhões de glóbulos de energia e luz – fótons e elétrons – compõe este mundo sólido tridimensional imaginário, que na verdade não existe de acordo com a Teoria da Relatividade (de Albert Einstein) ou mecânica quântica.

44:03

Mr Stepehn Daviz diz:

Deve ser mais fácil entender tudo isto usando um exemplo com o qual somos familiares; o computador pessoal.

Computadores utilizam o que é chamado de código binário, que é feito de nada além de zeros e uns. Se você olhar os zeros e os uns em sí, eles parecem randômicos e caóticos, como aquelas imagens 3D onduladas.

Mas dentro de todo computador, existe uma CPU – Unidade Central de Processamento – eu atua como o cérebro do computador. Esta CPU recebe o código binário em sequências de zero e uns, traduz em códigos binários, e projeta os resultados na tela do computador onde podemos vê-la em uma forma que faz sentido para nós.

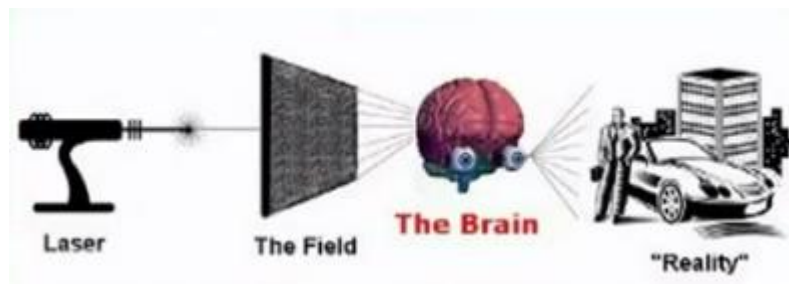
De fato, é isto que está acontecendo agora para que eu possa lhe mostrar este vídeo ou este texto.

O computador também tem suas percepções sensoriais, que incluem coisas com o mouse, uma tela sensível ao toque, um microfone, uma câmera de vídeo, etc.

Quando interagimos com o computador e seus sentidos – como clicar no mouse – esta mensagem é enviada de volta para a CPU para mais processamentos. Portanto, da mesma forma em que a CPU de um computador recebe o código binário, os traduz, projeta os resultados em uma tela, processa essas entradas, que então retornam através do mouse e outras percepções sensoriais, nosso cérebro humano recebe as frequências de onda do Campo, as traduz em partículas ao impactar a função de onda, projeta os resultados ‘la fora’, e então

processa as entradas que retornam através das nossas percepções sensoriais, ou os cinco sentidos.

E se parece com isto



Este é um ponto muito importante Nosso sentidos, visão, audição, paladar, olfato, tato, etc, eles não estão na verdade sentindo uma realidade independente 'lá fora', mas de fato estão primeiro projetando aquela realidade de forma que ela aparente estar 'lá fora'. Não é somente uma via de uma mão da percepção recebida, mas uma via de duas mãos, de primeiro de projeção e de percepção em seguida.

Aparentemente, uma vez que nosso cérebro converte as frequências de onda baixadas do Campo (ao impactar a função de onda), ele projeta os resultados 'lá fora' e nos faz aparentar que estamos rodeados por um 'filme 3D de imersão total'.

Mais uma vez, como Dr. Pribram disse: “nosso cérebro constrói matematicamente a realidade ‘sólida’ acreditando nas informações recebidas de um domínio (ou emissor) de frequências.

Então, e somente então, nossos sentidos “leem” o que foi projetado 'lá fora' e traz a informação de volta ao cérebro.

Aqui está um vídeo do YouTube produzido por um não cientista Turco, Sr. Adnan Oktar, que tem uma mensagem muito boa, com um inglês não muito bom. Eu reescrevi e gravei a tradução, e é por isto que você ouvirá minha voz no vídeo:

48:19

Vídeo do Dr. Adnan Oktar (com a voz de Stephen Davis);

Nos foi ensinado que o processo da visão ocorre quando grupos de luzes, chamados fótons, viajam de um objeto para nosso olho e o cruzam até que sejam refletidos e focados na retina no fundo do olho. Neste ponto os raios de luz são transformados em sinais elétricos e então transmitidos para os neurônios para o centro de visão na parte de trás do cérebro.

Sabemos que o oposto é verdade: o ato de ver toma lugar nesta parte central do cérebro. Todas as imagens que vemos nas nossas vidas, e todos os eventos que vivenciamos são vivenciados neste pequeno e escuro local. Tanto o filme que você está vendo agora como a ilimitável paisagem que você vê quando olha fixamente para o horizonte se encaixam exatamente neste mesmo espaço de apenas alguns centímetros cúbicos.

Estes fatos físicos nos levam a uma conclusão indispensável: Tudo o que vemos e tocamos, escutamos e percebemos como matéria são apenas sinais elétricos percebidos no nosso cérebro. Por exemplo, se vemos um pássaro no mundo externo, não necessariamente este pássaro não está lá no mundo externo, mas sim no nosso cérebro. O pássaro que vemos, é na verdade composto de sinais elétricos no nosso cérebro. Do mesmo modo, os sons que ouvimos deste mesmo pássaro também estão no nosso cérebro. De forma simples, o formato e o som do pássaro não são nada além da interpretação do cérebro por sinais elétricos.

Isto também é verdade quando se refere a uma distância. Aqueles que veem as estrelas no céu assumem que as estrelas estão a milhões de anos luz distantes dele, ainda que as estrelas estejam dentro dele, no centro da visão do seu cérebro.

Enquanto você está vendo este filme, a verdade é que você não está dentro da sala que você acredita estar, ao contrário, a sala está dentro de você. Quando você vê seu corpo, você pensa que está dentro dele, mas lembre-se de que, da mesma forma, seu corpo é uma imagem formada dentro do seu cérebro.

Imaginar a matéria como tendo existência fora da mente é de fato uma decepção. As percepções que observamos devem estar vindo de uma fonte artificial. Nós podemos isto melhor com um exemplo:

Vamos imaginar que pudéssemos tirar nosso cérebro fora do nosso corpo e mantê-lo vivo em uma caixa de vidro. Então vamos pegar um computador cheio de informações relacionadas a um determinado ambiente, como uma imagem, um som ou um cheiro. Vamos então conectar este computador ao cérebro com eletrodos e enviar dados pré-gravados para o cérebro. Conforme nosso cérebro recebe estes sinais, ele irá ver e vivenciar o ambiente que o computador está transmitindo.

Nós poderíamos também enviar sinais para o cérebro deste computador também a respeito do nossa própria imagem. Por exemplo nós poderíamos enviar informação elétrica – como do local, para audição, e de tatos que se vivenciaria enquanto, por exemplo, sentado em uma mesa de trabalho. No caso o cérebro perceberia isto como se fôssemos um homem (mulher) de negócio sentado(a) em um escritório, e nunca perceberia que ele é apenas um cérebro dentro de uma caixa de vidro.

É então de fato, muito fácil para nós sermos enganados em acreditar que o que percebemos é real, ainda que não tenha base material.

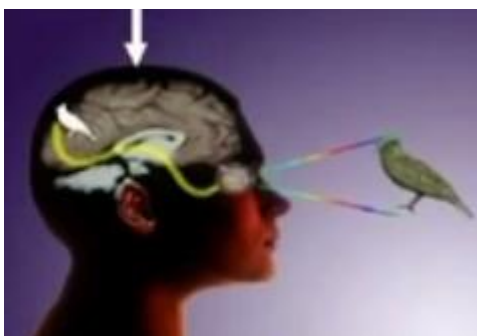
53.25

Mr. Stephen Davis diz:

Nós fomos condicionados desde o nascimento a acreditar que o que vemos 'lá fora' é real, e independente, uma realidade objetiva que tem vida por si só, e nossa função é limitada a observá-la, percebê-la e interagir com ela.

NÃO É, de acordo com as últimas pesquisas científicas. Nós estamos projetando nossa realidade primeiro, e então percebendo-a no retorno para nós.

O pássaro primeiro chega no nosso cérebro como frequências de ondas baixadas do Campo



O cérebro então traduz aquelas frequências de onda em um holograma do pássaro impactando a função de onda.

O holograma então é projetado 'lá fora', e então o pássaro aparenta ser real, e então o pássaro volta para nós através das nossas percepções físicas.

53:31

Video



Quanto mais você olha para algo em detalhe naquilo que pensamos como matéria sólida, menos e menos sólido isto começa a aparentar.

“As únicas realidades que reconhecemos são aquelas que nosso cérebro manufatura. Nosso cérebro recebe milhões de sinais a cada minuto e nós organizamos isto em hologramas que projetamos fora de nós mesmos e chamamos de realidade.

54:50

Mr Stepehn Davis diz:

É como se estivéssemos sentados no meio de um cinema com uma tela branca de 360º ao nosso redor, mas como se o filme projetado naquela tela estivesse saindo de dentro do nosso cérebro. Em outras palavras, ainda que não saibamos exatamente com isto acontece, nosso cérebro é o projetor do cinema, e o filme que estamos vendo – e no qual estamos completamente imersos, é um holograma, não é realidade sólida.

Em 1991, antes que estas recentes pesquisas acontecessem, Michael Talbot disse:

“Se o modelo do cérebro holográfico for levado a conclusões lógicas, isto abre a porta para a possibilidade de que a realidade objetiva, ou seja, o mundo dos copos de café, vistas de montanhas, das árvores e abajures, sequer existem.

“É possível de que o que está ‘lá fora’ é realmente uma vasta sinfonia ressonância de formas de ondas, um emissor de frequências que é transformado em mundo conforme reconhecemos somente após ter entrado no nosso cérebro?

É claro, nós agora sabemos que a resposta é SIM. É exatamente o que está acontecendo.

56:20

Dr. Fred Alan Wolf diz;



“Não existe ‘lá fora’ lá fora, independente do que está acontecendo aqui dentro.

56:30

Lynne McTaggart diz:



A realidade é uma gelatina não pronta – esta é a forma como gostamos de colocar isto – isto tudo é tão somente um todo indeterminado lá fora, é o nosso potencial de vida, e que nós, pela nossa ação de envolvimento, nossa ação de observar, nós fazemos a gelatina tomar forma. Nós somos intrinsecamente todo o processo de realidade, nosso envolvimento cria a realidade.

“ e então nós temos este envolvimento em tudo, nós somos o nosso mundo, não existe o ‘lá fora’ lá fora, não existe o lugar onde nós terminamos e tudo começa.”

57:05

Mr. Stepehn Davis diz:

David Bohm, você se lembra dele, disse que “a realidade tangível da nossa vida cotidiana é um tipo de ilusão, como uma imagem holográfica. Subjacente existe uma profunda ordem de existência, um vasto e mais primário nível de realidade que dá nascimento a todos os objetos e aparência do nosso mundo físico da mesma forma que um pedaço de filme holográfico dá origem a um holograma.

Aqui mais algumas extrações do Universo Holográfico de Michael Talbot:

Para o Dr. Pribram, a síntese o fez entender que o mundo objetivo não existe, ao menos não no forma que estávamos acostumados a acreditar. O que está lá fora é um vasto oceano de ondas e frequências, e a realidade nos parece concreta somente porque nossos cérebros são capazes de pegar estas holografias e converter em pedras e postes e outros objetos familiares para construir nosso mundo.

“Se a concretude do mundo não é nada além que uma realidade secundária, e o que está lá fora é tão somente uma marca holográfica de frequências, e se o cérebro também é um holograma e somente processa algumas das frequências originadas desta marca, no que então se transforma a realidade objetiva? Ponha de uma forma muito simples, ela para de existir. Ainda que nós possamos pensar que somos seres físicos movendo-se em um mundo físico, isto é uma ilusão . . . nós somos receptores flutuando através de um oceano caleidoscópico de frequências.

Michael Talbot esteve claramente à frente de seu tempo, porque agora nós provamos que não existe ‘lá fora’, lá fora.

Tudo lá é um filme 3D de total imersão no qual estamos projetando de forma que aparentemente existe um “lá fora”.

E agora, uma pergunta interessante surge:

Existiria um grande holograma do Universo que todos nós vemos e do qual somos parte? Não é isto que significa “Um Universo Holográfico”?



A resposta é não. Cada indivíduo deve ter o seu próprio holograma individual e único que ele mesmo projeta – a sua própria realidade privada.



E por quê?

Lembre-se da extração de Karl Pribram, que *'acredita que o próprio cérebro é um holograma, que matematicamente constrói a realidade sólida acreditando nas informações recebidas de um emissor'*.

Então, desde que não existe um único cérebro em comum, também não existe um único e grandioso holograma comum a todos. Cada cérebro humano individual recebe e traduz seu holograma de forma separada, individual e única. Se existisse um holograma em comum, um grande holograma do Universo para todos, então todos veríamos a realidade exatamente igual, e isto não acontece, pois cada um de nós vê a realidade um pouco diferente.

Por exemplo, estamos andando em uma rua e você repentinamente para muito entusiasmado e me diz: *Olhe, aquele rapaz se parece muito com Brad Pitt.*

E eu me viro para você e digo; *"Não, ele não se parece, ele não se parece em nada com Brad Pitt".*

O que aconteceu aqui? Você tem visto fotos e filmes do Brad Pitt, e você tem uma imagem do que você tem visto. Eu poderia ter visto aqueles mesmos filme e fotos, mas eu tenho uma imagem diferente do Brad Pitt. Então quando vimos o mesmo homem na rua, ele pode se parecer com o Brad Pitt para você, mas ele não se parece com o Brad Pitt para mim. Se existisse um único Brad Pitt que todos vissem da mesma maneira, este tipo de coisa não aconteceria, mas cada de um de nós vê o Brad Pitt um pouco diferente

Ou se estamos saindo de um restaurante e você diz: *"Você notou quão rude a garçonete foi ?*

E eu lhe retorno: *"Para mim ela esteve ok, ela não foi rude comigo! A mesma coisa se aplica aqui, eu percebo a garçonete de uma forma, e você percebe a mesma pessoa de outra, porque nós estamos vivenciando a garçonete em hologramas diferentes.*

E todos sabemos bem que 10 pessoas diferentes podem ter 10 versões diferentes sobre como um acidente aconteceu.



Estes são pequenos exemplos, de menor importância, mas nossos hospitais estão cheios de pessoas que veem a realidade de forma muito diferente dos outros, tão diferente que eles sequer podem lidar com isto, e nem pode a sociedade lidar com eles.

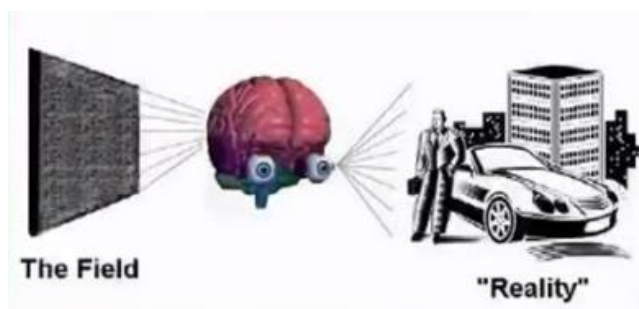
Então, cada indivíduo deve ter o seu próprio e único holograma que estão projetando, a sua realidade própria e privada, especialmente desde que cada um tem um cérebro individual recebendo nossos próprios arquivos holográficos. Em paralelo, se houvesse um holograma gigante no qual fôssemos todos parte, poderíamos dizer que existe uma realidade objetiva e independente lá fora, e todos os experts no assunto dizem que isto não é verdade.

“Não existe ‘lá fora’ lá fora não existe ‘lá fora’ lá fora.

Existe um ditado que diz: “Você cria a sua própria realidade”

Enquanto tecnicamente esta afirmação não é verdadeira, a verdade é:

“Você está projetando sua única vivência holográfica 3D que foi baixada do Campo para o seu cérebro.”



É hora de colocar junto tudo o que aprendemos nas partes Um e Dois destas apresentações.

Começamos com a experiência do Duplo Rasgo, e vamos encerrar com ela .

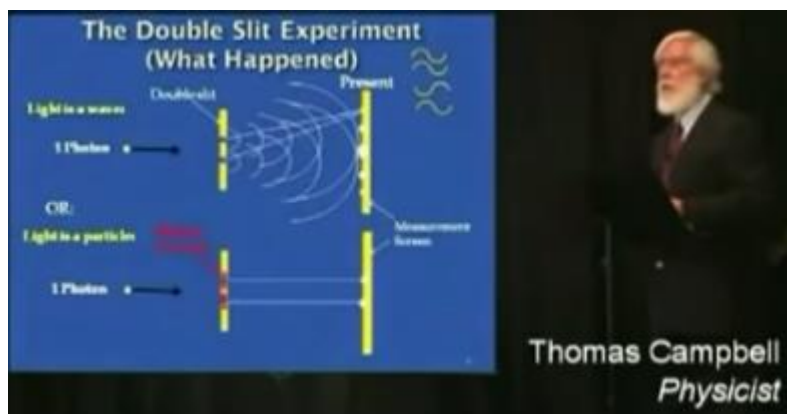
Lembre-se do que o físico Richard Feynman disse, que se você entender a experiência do Duplo Rasgo, você terá entendido tudo de Física Quântica.

Vamos ver o que a experiência do duplo rasgo diz a respeito da existência de uma realidade independente e objetiva lá fora:

Desta vez ouça o físico Thomas Campbell em Dezembro de 2011:

Uma observação rápida: Dr. Campbell usará as palavras “padrão de difração” no lugar de “padrão de interferência” que usamos na Parte Um. Basicamente elas são a mesma coisa:

1:04:35



“Esta é a experiência d Duplo Rasgo. Trata-se de uma experiência muito famosa. Esta experiência provavelmente foi feita mais vezes, em mais lugares e por mais pessoas do que qualquer outra na história da ciência. E isto porque ela nos dá resultados tão estranhos que todos querem refazê-la e verificar se os resultados são os mesmos para cada um. Então, ela tem sido replicada mais e mais e mais vezes, e sempre que feita da maneira correta, sempre dá o mesmo resultado. E nos diz algo muito importante à respeito da natureza da realidade. Aqui está o que aconteceu, e eu vou lhes mostrar porque é uma experiência tão famosa.

Desde muito tempo sabemos que quando ondas chegam nesta barreira – aqui temos uma barreira com um furo, e então outra barreira com outro furo (é chamado de rasgo, e desde que há dois deles é chamado de Duplo Rasgo – que é de onde o nome da experiência é originado – que se uma onda chega aqui, algumas das ondas vão atravessar o rasgo, e outras vão atravessar o outro rasgo, e a distância daqui até aqui é um pouco mais curta que a distância daqui até aqui, correto? Nos podemos ver isto, é bastante óbvio.

Se a diferença na distância ocorre de ser assim – a onda vinda do rasgo de cima e a onda vinda do rasgo de baixo são distanciadas na distância de comprimento de uma onda –então elas se afundam no mesmo momento, e forma a crista ao mesmo tempo, e se obtém um ponto de luz ali. Mas se ocorrer que a diferença de distância seja de forma que apenas uma onde crie o pico (crista) enquanto a outra atravessa o rasgo, quando somamos as duas ondas elas se anulam. Por isto não temos nada aqui neste ponto. Então, quando obtemos este série de resultados, chamamos de padrão de difração- ou seja, quando você tem ondas atravessando os dois rasgos.

Então, assim foi a experiência do Duplo Rasgo. Enmtão encontraram uma forma de atirar apenas um fóton de cada vez através dos rasgos, ou uma partícula. O que eles esperavam ver era isto, mas o que eles viram foi uma padrão de difração. Ok? E então, essa foi a surpresa, eles não esperavam isto. Então eles disseram, “bom, há algo engraçado ocorrendo aqui nestes

rasgos”. Então, essas pequenos pontos vermelhos são detectores. Eles disseram, “vamos por detectores onde estão os rasgos e vamos ver o que está acontecendo.

E eles fizeram isto, eles observaram todo tempo enquanto o fóton cruzava o rasgo. Os detectores deveriam dizer que o fóton cruzou o rasgo superior, ou o fóton cruzou pelo rasgo inferior. E sempre que fizeram isto obtiveram este padrão (padrão de partículas).

Agora o problema era . . . huum . . . nós removemos os detectores e obtemos este padrão de resultados. A idéia foi . . . “estes detectores, eles são fazendo algo aqui”. Mas eles encontraram - e isto é chamado “problema da medida quântica” – eles encontraram que você poderia coletar os dados com os detectores instalados, coletar todos os dados - com os detectores funcionando, eles te dizem exatamente através de qual rasgo o fóton passou - mas então você não olha para os dados ainda, você apenas os coleta.

Agora, se você olhar para os dados, você obtém isto. Mas se você não olhar para os dados, e então apagar a informação de em qual rasgo o fóton passou, você obtém isto de novo. Você vê ? Obviamente a realidade não é objetiva. Este é a experiência do Duplo Rasgo, e é por isto que é algo tão interessante, porque ela mostra que a realidade não é objetiva. Há algo mais acontecendo aqui.

Claro que a maioria dos físicos olharam para isto e disseram. O quê ? Isto não necessariamente faz sentido intuitivo. Mas de fato isto se tornou um método poderoso que se transformou em mecânica quântica. E esta é a base da mecânica quântica - é de que partículas não são realmente ‘pequenas’ bolinhas de massa, elas são apenas distribuições de possibilidades.

E o que acontece aqui é que quando você mede que uma partícula veio através daqui, o que os físicos diriam é que a medição causa que a probabilidade de onda impacte com uma partícula física. Esta é a forma como Bohr teria dito, ou Heisenberg. O que acontece é que a idéia de que você observa faz com que a probabilidade de distribuição de transforme em partícula. Uma vez que você obtém a partícula, a partícula não pode fazer mais nada além do que uma partícula faz, ou seja, viajar em linha direta.

E há algo mais , frequentemente você ouve os físicos falando “do problema de medição” e é a isto que eles estão se referindo – a “medição” cria a partícula, ok? O ingrediente chave não é a consciência ou a medição, pois ambos estão envolvidos. É a disponibilidade da informação. É a disponibilidade da informação. Se você tiver a informação de qual rasgo a partícula atravessou, você então sabe que há uma partícula ali. Isto significa que ela tem que agir como partícula.

Se você não tem a informação a respeito de qual rasgo a partícula atravessou, então não há uma partícula ali. Você não sabe que ali há uma partícula, porque você não a mediu ainda. Se você não tem a informação, então você tem isto.

O que está acontecendo aqui é que você tem uma realidade virtual baseada em informação. É sobre isto que queremos falar agora.

Bem, eu vou dividir com você uma pequena experiência que eu vou fazer. Esta não é uma experiência nova. É uma equivalente lógica que é simples para vocês entenderem e

acompanharem. Experiências físicas são muito complicadas e muito difíceis de explicar, mas esta, como eu disse, é um equivalente lógico.

Digamos que pegamos 102 resultados desta experiência. Em outras palavras, vamos medir por qual rasgo a partícula atravessa, e vamos acompanhar o que acontece nesta tela, ou o resultado. E vamos fazer isto 102 vezes. Vamos armazenar os dados por uma hora, vamos guarda-lo no computador. Registrar os dados por mais uma hora, e guarda-los. E o que vamos fazer é colocar o primeiro vamos coloca-lo em um envelope e chama-lo de **Dados do Detector da Experiência 1**, e vamos pegar este outro e coloca-lo dentro em outro envelope e chamá-lo de **Dados da Tela de Medição da Experiência 1**. E vamos colocar estes 2 envelopes e chama-lo de **Experiência 1**. Vocês estão comigo? Então eu tenho um envelope que diz **Experiência 1**, e dentro dele eu tenho outros dois envelopes, um deles diz **Dados do Detector da Experiência 1**, e o outro diz **Dados da Tela de Medição da Experiência 1**. Então eu tenho todos os meus dados aqui, é somente uma forma fácil para que mantenhamos a observação possível.

Então vamos fazer isto as 102 vezes, e por que estamos fazendo esta experiência, sempre esperamos aquilo como resultado. Então após as 102 coletas, nos olhamos a primeira que fizemos, e tiramos os dados do envelope, e tiramos os dados do envelope, e é exatamente isto que vemos, o que esperávamos mediante a experiência que estamos fazendo.

E então pegamos a última coleta que fizemos, e fazemos o mesmo, abrimos os envelopes. Queremos apenas ter certeza de que os resultados são os mesmos nas duas pontas, Fazemos isto e obtemos exatamente isto (o mesmo), ou seja, obtemos dois pontos de luz . . . é o que obtemos. Então o primeiro e o último são assim, e assumimos que todos os outros que os intermediam também são assim pois fizemos todos juntos e nas mesmas condições.

Tudo certo, mas o que esta experiência de rasura quântica atrasada significa é que . . .
Vamos pegar os 100 envelopes que sobraram, correto ? Abrimos o Nº1, o primeiro, e o último, e agora temos 100 remanescentes dos 102 iniciais. Vamos pegar estes 100 e embaralhá-los, e vamos organizá-los de forma randômica, e vamos colocá-los em 2 pilhas de 50. Agora, uma pilha com 50, e vamos olhá-los. Vamos abrí-lo e olhá-los, e todos eles – todos os 50 – vão mostrar este mesmo resultado. Temos as duas linhas aqui como resultados (perfil de partículas).

Agora, vamos aos outros 50, porém vamos retirar os envelopes com **Dados do Detector da Experiência 1**, vamos coloca-los em uma pilha, e colocar fogo neles. Vamos queimá-los, vamos destruí-los. Esta é nossa experiência de eliminação, correto ? Estou simplificando bastante o conceito na experiência de eliminação. Nos os queimamos e destruímos. E ainda, não há nada legível nas cinzas. Vamos pegar as cinzas e coloca-las em água ou algo - não vamos complicar a experiência- vamos apenas queimá-los, vamos nos livrar deles, e eles serão apagados. E então, vamos abrir os 50 envelopes com os **Dados do Detector da Experiência 1**, e todos eles terão um Padrão de Difração (padrão de ondas) como resultado. Você vê ? É a isto que me refiro como experiência de rasura quântica atrasada.

E você certamente está pensando, como pode isto acontecer ? Você vê, a experiência foi feita, vamos dizer há um ano atrás, antes que pegássemos estes envelopes e o mostrássemos. Isto não importa, ou há 10 anos atrás, a quantidade de tempo é irrelevante. Na verdade estas

experiências são feitas em 10 nanossegundos. Mas isto não importa; você pode fazê-la em atraso ou em qualquer período de tempo.

Por isto que chamamos de ciência estranha. Isto parece que, dependendo do que você faz com parte destes dados (a parte do observador), ocorre uma mudança de um tipo de resultado (padrão de partículas para outro (padrão de ondas), correto ? AO menos é o que aparenta. Mas isto somente porque você acredita que vive em uma realidade objetiva, você vê ? Em uma realidade de probabilidades estatísticas, que ainda está indeterminada . . . isto ainda não aconteceu, porque você ainda não a olhou. Você vê ? Você não sabe o que é isto.

È uam realidade objetiva, você sabe, pois você fez a experiência, é o que deveria ser. Então você acredita que é a forma que é, e então você, de alguma forma, mudou para isto. Bem, não há mágica envolvida. Somente é assim pois estas dados ainda não foram observados, eles não existem nesta realidade, pois vivemos em uma realidade probabilística.

Eu sei o que você está pensando, “oh, isto soa como impossível”, mas isto porque você está arraigado pela sua cultura, com o conceito de uma realidade objetiva. Você acredita que é desta forma – objetiva -, e quando você vê ou escuta sobre esta outra forma, simplesmente não faz sentido. Tal como a informação “a terra é redonda” um dia no passado não fez sentido.

1:12:27

Mr. Stephen Davis diz:

Vamos ter certeza de que entendemos o que Thomas Campbell acabou de dizer: Ele disse que temos que olhar para – observar – os dados medidos coletados na experiência do Duplo Rasgo para obter um padrão de partícula como resultado. Se não olharmos os resultados – ou se apagarmos os resultados do observador antes de observarmos – então obtemos um “padrão de difração”, ou padrão de onda, que o nosso Capitão Quantum chamou de “padrão de interferência” na Parte 1 deste seminário.

Em outras palavras, aparentemente não é o fato da medição dos Duplos Rasgos que importa. A única coisa que realmente importa é se olharmos os dados que coletamos. Se olharmos os dados, obtemos um padrão de partículas como resultado. Se não o olharmos, obtemos um padrão de interferência que as ondas fazem, ainda que os dados já tenham sido coletados.

Se houvesse uma realidade independente e objetiva “lá fora” e que todos a dividíssemos, o resultado da experiência do Duplo Rasgo seria o mesmo durante todo o tempo, independente se alguém olhou os dados ou não.

Mas o que temos, ao contrário é uma realidade totalmente dependente do observador, subjetiva e holográfica que é única para cada indivíduo e baseada na sua observação. Em outras palavras, o que você está vendo agora, e a cada momento em que está vivo, sem exceção, é um filme 3D de total imersão escrito unicamente para você, baixado para o seu cérebro, traduzido em hologramas que você vê, e projetado lá fora para que você o experimente.

Escute ao Dr. Amit Goswami cuidadosamente pela última vez . . .

1:14:56

Dr. Goswami diz:

“Este é o único pensamento radical que você tem que fazer, mas é tão radical, e tão difícil, pois nossa tendência é de que o mundo já está lá fora, independente da minha experiência. Não é isto! Física Quântica tem sido muito clara a respeito disto . . .”

1:15:15

Mr Stephen Davis Diz:

Se tudo isto é verdade, e as últimas pesquisas científicas dizem que sim, é verdade, uma questão então surge:

Quem ou o quê está escolhendo certas frequências de onda do Campo e baixando-as para o cérebro humano para serem então convertidas em partículas que se transformam em realidade que vemos e experimentamos.

Ou . . .

Quem ou o quê esta escrevendo o texto para este filme holográfico em 3D no qual estamos agora, e sempre, imersos?

Quem ou o quê é o ‘laser’ que escolhe o filme holográfico 3D de imersão total baixado para o nosso cérebro para que nós o experimentemos como nossa realidade ?

Nós vamos responder esta questão na parte três desta série de apresentações . .

... e eu lhe garanto que a resposta vai surpreendê-lo e sacudir suas mais fundamentais crenças, como se pensasse que a Terra era plana e então descobrisse que a Terra é redonda!

Enquanto isto, seu trabalho, ou o que peço que faça como preparação para a parte três é:

1 - Assista ao filme chamado The Truman Show (with Jim Carey, 1998)

e

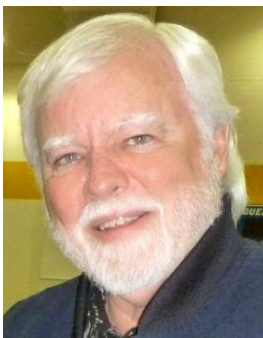
2 – Pratique olhar o mundo lá fora como um holograma que você mesmo está projetando, mais que como uma realidade independente, objetiva na qual você está meramente percebendo e interagindo com.

Uma vez feita a lição de casa, visite:

www.holographicuniverseworkshops.com

para mais informação a respeito continue com a parte três desta série de apresentações

Fim da Parte 2



**Produzido por Mr. Stephen Davis,
USA (support@butterfliesfree.com)*



**Traduzido para português por Marcos Mondini Perez,
Campinas, São Paulo, Brasil (marcos.mondini@hotmail.com)*